

*De Deus fêz-se um cifrão imenso, extraordinário,
Inventou-se o ritual de um Cristo estranho e nôvo
E fêz-se a exploração sacrílega do povo
Sôbre a tragédia santa, excelsa do Calvário.*

*Ó Igreja, esquece ao longe as indústrias da cruz,
Só o Amor é farol no humano sorvedouro,
Deixa ao mundo infeliz as caixas-fortes de ouro
E volta enquanto é tempo aos braços de Jesus!...*

A. Guerra Junqueiro

(Poesia recebida em Pedro Leopoldo em 14 de agosto de 1935)

CARNE

*Algema tenebrosa é a carne louca
Onde o espírito, em lágrimas, se prende,
Perambulando como um triste duende,
Bebendo o pus das fístulas da boca.*

*Viver entre os sentidos incompletos,
Na existência das cousas fragmentárias,
Começando nas dores solitárias,
Da vida melancólica dos fetos.*

*Vaso de tegumentos e de humores
É o corpo, imagem viva do defunto,
O miserabilíssimo transunto
Das condições mais tristes e inferiores.*

*Desprezar tôda a luz, radiosa e viva
Para viver na carne é descer quase
Da consciência divina à horrenda fase
Da irracionalidade primitiva.*

*Carne!... Nossa amargura original,
Antes, sôbre o planêta nunca houvesse
O princípio ancestral da tua espécie,
Nos mistérios da Vida Universal!...*

Augusto dos Anjos

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 25 de setembro de 1935)

O MONSTRO

*Vi um monstro pairando sôbre a Terra
Como um corvo de garras infinitas,
Cobrindo multidões tristes e aflitas:
Visão de luto e lágrimas que aterra!*

*Vi-o de vale em vale, serra em serra
E disse: — “Quem és tu que abres e excitas
Os pavores e as cóleras malditas?”
E o Monstro respondeu: — “Eu sou a Guerra!*

*Não há forças no mundo que me domem.
Sou o retrato fiel do próprio homem,
Que destrói, luta e mata e vocifera!*

*Venho das trevas densas, da voragem,
Dos abismos de dor e da carnagem,
Para mostrar ao homem que ele é fera!...”*

Antero de Quental

(Soneto recebido a 10 de outubro de 1935)

PRECE DE NATAL

*Senhor, dêsses caminhos côr de neve
De onde desceste um dia para o mundo,
Numa visão radiosa, linda e breve
De amor terno e profundo,
Das amplidões augustas dos Espaços,
No teu Natal de eternos esplendores,
Abriga nos teus braços
A multidão dos seres sofredores!...*

*Que em teu Nome
Receba um pão o pobre que tem fome,
Um trapo o nu, o aflito uma esperança.
Que em teu Natal a Terra se transforme
Num caminho sublime, santo e enorme
De alegria e bonança!*